



Dicas *de* Português

MORFOLOGIA E FONOLOGIA



Dicas *de* Português

MORFOLOGIA E FONOLOGIA



CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA

Presidente	Ministro Ricardo Lewandowski
Corregedor Nacional de Justiça	Ministra Nancy Andrighi
Conselheiros	Ministro Lelio Bentes Corrêa Ana Maria Duarte Amarante Brito Flavio Portinho Sirangelo Deborah Ciocci Saulo José Casali Bahia Rubens Curado Silveira Luiza Cristina Fonseca Frischeisen Gilberto Valente Martins Paulo Eduardo Pinheiro Teixeira Gisela Gondin Ramos Emmanuel Campelo de Souza Pereira Fabiano Augusto Martins Silveira
Secretário-Geral	Fabício Bittencourt da Cruz
Diretor-Geral	Rui Moreira de Oliveira

EXPEDIENTE

Secretaria de Comunicação Social	Giselly Siqueira
Projeto gráfico	Eron Castro
Revisão	Carmem Menezes

2015

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA

Endereço eletrônico: www.cnj.jus.br

Seja bem-vindo(a)!

Esta coletânea Dicas de Português nasceu a partir do material publicado pela Comunicação Interna do Conselho Nacional de Justiça na intranet e está agora disponível para você!

Aqui, você encontrará dicas reunidas em cinco livretos temáticos – Morfologia e Fonologia; Sintaxe; Redação Oficial; Produção de Texto e Variados – lançados como parte das celebrações dos 10 anos do CNJ. O foco é língua portuguesa padrão, apresentada segundo a teoria gramatical e acompanhada de prática em exercícios.

Este material foi uma ideia concebida pela Secretaria de Comunicação Social em 2010 para o aprimoramento linguístico dos servidores e colaboradores. De lá pra cá, revisoras de texto abraçaram a causa, que, atualmente, possui espaço específico na intranet, além de ser enviada por *e-mail* semanalmente a todos do CNJ!

Assim como o CNJ aproxima a Justiça do cidadão, esperamos que você se regale com nossos livretos e que eles aproximem você da língua portuguesa padrão!

Rejane Rodrigues

Chefe de Seção de Comunicação Institucional

Giselly Siqueira

Secretária de Comunicação Social

Sumário

Variedade de plural	9
Como usar o pronome “todo”	9
Sobre o pronome ‘se’	10
Especialidades de participios	10
Os prefixos e algumas considerações	11
Mais sobre os prefixos	11
Regras básicas	12
Hibridismo	12
Algumas curiosidades sobre os sufixos	12
As sete vogais da Língua Portuguesa	13
As dezenove consoantes da língua portuguesa	14
Acentuação e Assimilação	15
A substância do substantivo	16
Juntando as peças do quebra-cabeça	17
Coletivos e pleonasmos	18
A língua do Nhem	18
Artigos	19
Que esta coluna não seja paupérrima	20
Gramáticas também erram	21
Pronomes	21
Eu, tu, ele, nós, vós, eles	22
Próclise, mesóclise e ênclise	23
O meu é este; o seu é esse; o dele é aquele	24
Pronome relativo	25

Pronomes interrogativos e indefinidos	26
Quando o português se junta à matemática	27
Quando tempo, modo e aspecto se juntam à língua	28
Conjugar um verbo	29
Tempos e modos verbais	31
Irregulares, defectivos e abundantes	32
Verbos irregulares: quando a surpresa é a regra	33
Verbos impessoais e unipessoais	34
Infinitivo flexionado e não flexionado	35
Gerúndio e particípio	36
Advérbio	37
Advérbio	38
Preposição essencial e acidental	39
Preposição	40
Preposição: palavras que ligam	41
Conjunções: palavras que ligam orações	41
Uso de conjunções	42
Conjunções: valores e usos	43
Palavras iguais, significados diferentes: homonímia, paronímia e polissemia	44

Variedade de plural

Plural doentio

INADEQUADO	ADEQUADO
Serão aumentados os salários das mães de quatro filhos.	Será aumentado o salário das mães de quatro filhos.
Os palhaços apresentam-se sempre com seus narizes pintados.	Os palhaços apresentam-se sempre com seu nariz pintado.
Os nadadores tinham os seus corpos inteiramente mergulhados.	Os nadadores tinham o seu corpo inteiramente mergulhado.
Todos estão com as barrigas vazias.	Todos estão com a barriga vazia.

Plural de nome próprio

O plural dos nomes próprios segue as mesmas regras do plural dos comuns: Os Andradas, os Ferreiras, os Peixotos.

Plural de substantivo indicativo de tribo indígena

Um dos traços característicos dos idiomas é a flexão numérica dos nomes, e o plural português distingue-se há séculos pelo acréscimo de “s” aos nomes terminados em vogal tônica: os jacás, os chimpanzés, os jacuís, os cipós, os bambus.

Plural da palavra indicativa de estado

Nomes designativos de estado não são usados no plural: alguém já imaginou o plural de fluidez, embriaguez, gravidez?

FONTE: ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Dicionário de Questões Vernáculas**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2008.

Como usar o pronome “todo”

O pronome “todo” é cheio de lero. Ora vem no singular, ora no plural. Ora acompanha substantivo com artigo, ora sem artigo. Em cada frase, o recado é diferente.

No singular, com substantivo sem artigo, “todo” significa “cada, qualquer”:

- » Todo (qualquer) homem é mortal.
- » Todo (qualquer) país tem uma capital.
- » Toda (qualquer) hora é hora.
- » A toda (cada) ação corresponde uma reação.

No singular, na companhia de substantivo com artigo, “todo” quer dizer “inteiro”:

- » Li todo o livro.
- » Li o livro todo.
- » Trabalho o ano todo.

No plural, acompanhado de substantivo com artigo, “todo” dá o sentido de totali-

dade das pessoas e dos representantes de determinada categoria, grupo ou espécie:

- » O Brasil quer todas as crianças (a totalidade delas) na escola.
- » No Recife, todos os alunos foram matriculados.
- » Todos os brasileiros com mais de 18 anos e menos de 70 são obrigados a votar.
- » Vejo o Fantástico todos os domingos.
- » Trabalho todos os dias da semana.

E, atenção! Mais um pleonasma: Todos foram unânimes. Unânime é relativo a todos.

Fonte: SQUARISE, Dad. **Português com humor**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

Sobre o pronome ‘se’

O pronome “se” como índice de indeterminação do sujeito ocorre nos casos em que o sujeito não vem expresso na oração nem pode ser identificado. Quando ocorrer esse processo, põe-se o verbo ou na 3.^a pessoa do plural (ex.: contaram-me uma história engraçada.), ou na 3.^a pessoa do singular, com o pronome “se” (ex.: ainda se vivia num mundo de incerteza; precisa-se de empregados).

Situações a serem observadas nas ocorrências:

- » Os verbos não aceitam voz passiva (ex.: bebeu-se da água);
- » Verbos transitivos indiretos (ex.: precisa-se de moças);
- » Verbos de ligação com predicativo do sujeito (ex.: aqui se é feliz);
- » Verbos intransitivos sem sujeito (ex.: morre-se de amores);
- » Verbos transitivos diretos com o elemento paciente preposicionado (ex.: amar a Deus).

Fonte: CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

Especialidades de participípios

No português contemporâneo há três verbos que só se usam com os participípios irregulares. São eles: “ganhar, gastar, pagar e pegar”.

Vejamos: tinha (havia) ganho, foi (está) ganho; tinha (havia) gasto, foi (está) gasto; tinha (havia) pago, foi (está) gasto; tinha (havia) pago, foi (estava) pago.

No caso do verbo “pegar”, este só tinha o participípio regular (“pegado”), que se usava com qualquer auxiliar. Ex.: tem pegado, havia pegado, foi pegado, está pegado. Entretanto, alguns gramáticos já registram a forma “pego (ê/é)”, tanto que ela

pegou, mas o ideal é que se use preferencialmente “pegado”, sem medo de que esteja falando errado.

Fonte: ACADEMIA Brasileira de Letras. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 2008.

Os prefixos são partículas formadoras de adjetivos e modificadoras de verbos. O estudo exige profunda análise.

Fonte: ALI, M. Said. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 8. ed. rev. e atual. por Mário Eduardo Viaro. São Paulo: Melhoramentos, 2001.

Os prefixos e algumas considerações

Afixos são elementos formativos de palavras que intrigam alguns linguistas. Uns consideram os prefixos vocábulos independentes por pertencerem na maior parte das ocorrências às preposições e aos advérbios. Há outros que, ao analisarem elementos formativos do tipo “dis-, r-, in- negativo” e aqueles que, como “per-, ob-”, já não os consideram palavras isoladas. Vejam-se exemplos com “des-”, uma junção das preposições latinas “de” e “ex” que se juntam para constituir prefixo que norteia para vários sentidos.

- » sentido positivo ou pleonástico: desinquieto e inquieto; desaliviar e aliviar; desfarelar e esfarelar.
- » sentido contrário: desabrigo; desordem; desconfiança.
- » sentido negativo: descortês; desumano; desconexo; desconforme.
- » sentido de cessação de estado: desengano; desilusão; desagravo; desuso.
- » sentido de algo mal feito: desserviço; desgoverno.

Mais sobre os prefixos

Alguns gramáticos veem nas palavras formadas por prefixos, com exceção das parassintéticas, casos de composição, por corresponderem os prefixos a preposições portuguesas ou latinas, modificando substancialmente o sentido do radical.

Os prefixos, pela sua origem, podem ser vernáculos, latinos ou gregos.

- » Os vernáculos são os prefixos latinos modificados ou aportuguesados: ex.: Des- (lat. De + es). Podem ocorrer por: separação, afastamento (descontar, desviar); privação, negação (desleal, desagradável); aumento, intensidade (desbaratar, desnudar).
- » Os latinos são os que se conservam na forma primitiva: ex.: Dis = separação, distribuição (dispersar, disseminar).
- » Os gregos são os que se antepõem a palavras gregas: ex.: Dis (di) = dualidade (dístico, ditongo, dilema).

Fonte: ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 46. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

Regras básicas

Orto – regrinhas básicas

Assim como na nossa vida há regras para tudo, no idioma não pode ser diferente. Quando se trata de ortografia, para a partição de palavras no fim da linha devem ser respeitadas algumas normas.

Não se separam:

- » ditongos e tritongos, além dos grupos “ia, ie, io, ao, ua, eu, uo”, que, formando átonos finais, soam normalmente numa sílaba (ditongo crescente), mas podem ser pronunciados em duas (hiato). Ex.: a-guen-tar/ Má-rio/com-tí-guo;
- » encontros consonantais que iniciam sílaba e os dígrafos “ch, lh e nh”. Ex.: pneu-má-ti-co/a-bro-lhos/ Ra-char/mne-mô-nico.

Mas isso não é só. As regrinhas continuam.

Fonte: CUNHA, Celso. **Gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

Hibridismo

Quando os elementos de um composto proveem de idiomas diferentes, a palavra se diz híbrida, como automóvel (do grego, autos, do latim, móbile). O hibridismo deve ser evitado sempre que possível.

Só é aceitável uma palavra híbrida:

- a) Quando os elementos já existirem, isoladamente, e foram de largo uso no vernáculo: alcoômetro (árabe e grego), mineralogia (latim e grego), polivalente (grego e latim);
- b) Quando um dos elementos, por ser muito usado em outros compostos, tiver perdido o caráter estrangeiro: sociologia (latim e grego), colorímetro (latim e grego), pluviômetro (latim e grego), televisão (grego e português);
- c) Quando um dos elementos não puder de forma nenhuma ser trocado por ter sentido especial: burocracia (já chegou à língua portuguesa formado do francês: bureau, escritório, em francês, e cracia, governo, em grego); e
- d) Quando de todo consagrada: centímetro (latim e grego).

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica de língua portuguesa**. 44. ed. São Paulo: Saraiva, 1999, p.403-4.

Algumas curiosidades sobre os sufixos

Na derivação sufixal, como na derivação prefixal, também não é fácil determinar a linha tênue que a separa do processo de composição.

Imaginem vocês o que promovem esses sufixos a respeito de uma propaganda de linha de TVs:

- » Garanti- [dona = garantidona
- » Garanti- [daça = garantidaça
- » Garanti- [désima = garantidésima

Os sufixos “-dona, -daça e -désima” promovem, na propaganda, o processo gradativo e persuasivo, ampliando a noção de garantia para tornar o consumidor mais seguro.

Outro sufixo bastante curioso é o “-ete”, que ocorre em “chacretes” (de Chacrinha), “boletes” (de Bolinha), “paniquetes” ou “panicats” (do Pânico na Band), as “calderetes” (do Caldeirão do Huck), sempre se referindo a mulher, desde o tempo das vedetes e coquetes (palavras derivadas de outras oriundas do francês), até os dias atuais com “reboletes”, “funketes” e, finalmente, as “periguetes” ou “piriguetes” e, ufa, as “empreguetes”.

Fonte: *Língua Portuguesa*. Ano 7, n. 81, jul. 2012. São Paulo: Segmento, 2012.

As sete vogais da Língua Portuguesa

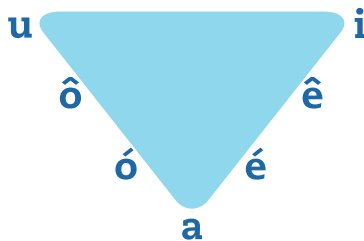
Lembra quando, aos seis, sete anos, você foi alfabetizado? Lembra que sua professora ensinou cinco vogais: a, e, i, o, u? Então, ela estava certa, porque ensinava você a escrever, mas, na verdade, no sistema fonológico do português brasileiro, há sete vogais tônicas orais. Sete vogais. Como?

A fonologia é a parte dos estudos de uma língua que trata dos sons significativos, ou seja, daqueles que diferenciam uma palavra de outra. Na identificação de fonemas, são utilizados pares mínimos: porta/parta – fonemas /ó/ e /a/; dedo/dida – fonemas /ê/ e /i/. Quando se trata de fonemas, os sons são escritos entre barras oblíquas. Não estranhe.

Na oração “Eu peso aquele peso enorme nessa balança”, há duas ocorrências gráficas idênticas – “peso” e “peso”, mas com manifestações fonológicas distintas: /pézu/ e /pêzu/. Então, o mesmo grafema tem pronúncia aberta e fechada, sem que isso seja variação regional. São dois fonemas e um grafema.

Na oração “Eu moro naquele morro”, é possível identificar dois fonemas, um consonantal – assunto da próxima semana – e outro vocálico. Em “moro” e “morro”, ocorrem /ó/ e /ô/. Outros dois fonemas e um grafema.

Assim, as vogais do nosso vernáculo, quando são tônicas, são sete.



Experiente pronunciar as vogais na seguinte ordem: a, é, ê, i; e também a, ó, ô, u. Viu como a boca vai se fechando? Viu como o som sai dos lábios e vai lá para o fundo da boca?

Sob o olhar da fonologia, há cinco vogais tônicas nasais e três vogais átonas orais. Isso resolve aquele velho problema que começa também na alfabetização: por que a gente escreve “menino” e fala /mininu/? Porque no nosso português brasileiro só há /a/, /i/ e /u/ átonos no final das palavras...

Se quiser saber muito mais, com um dos maiores linguistas brasileiros, leia [aqui](#).

Mais links interessantes para você:

<http://www.radames.manosso.nom.br/gramatica/vogais.htm>

http://cvc.instituto-camoes.pt/cpp/aces-sibilidade/capitulo3_2.html

<http://www.sk.com.br/sk-voga.html>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Alfabeto_fon%C3%A9tico_internacional

Uma ótima semana!

As dezenove consoantes da língua portuguesa

Sob o ponto de vista da fonologia, nossas consoantes são 19, em algumas das

quais há variação de pronúncia segundo a variante regional. Assim, todos nós que já ouvimos um pernambucano e um paulista, por exemplo, falar, logo percebemos que a pronúncia de palavras como “leite” é diferente. Também há neste país pelo menos umas três formas diferentes de se pronunciar o erre. Aqui em Brasília, o erre de grande parte da população identificada por nós como sem sotaque é o mais neutro para nossos ouvidos acostumados a tanta variação regional. Importante: não há pronúncia certa ou errada quando se trata de variação, OK?

Cada consoante tem uma classificação segundo critérios universais, como você pode ver [aqui](#). São eles: ponto e modo de articulação e papel das cordas vocais. As cordas vocais ficam no nosso pescoço. Ponha seus dedos da mão sobre o “gogó”, a parte móvel na frente do pescoço, e pronuncie as consoantes, sem as vogais, como você aprendeu no link acima. Você vai perceber que, às vezes, há vibração (“tremedeira”) dessa região e, às vezes, não. Da próxima vez que você quiser ensinar uma brincadeira divertida para uma criança, fale com ela enquanto dá repetidas batidas de leve com a mão nessa região do pescoço. Ela vai gostar!

O problema dos fonemas consonantais existe só na grafia, quando, para alguns deles, não há correspondência biunívoca. Assim, o fonema /s/ pode ser grafado s, ss, sc, c, ç...; o fonema /z/ pode ser gra-

fado z, x, s. Por isso, você e eu podemos ter dúvida de como as palavras são escritas quando esses fonemas estão presentes...

As mães, normalmente, reclamam que seus bebês falam “papai” antes de “mamãe”... A resposta está na fonologia! E se você quiser saber o que é variante regional, correspondência biunívoca, outras relações grafema/fonema, escreva-nos também!

Sabia que fonologia serve para música? Veja que interessante [aqui](#).

Semana que vem: por que “rainha” não tem acento, se há hiato?

Até mais!

Acentuação e Assimilação

Com base também na fonologia, algumas palavras da língua portuguesa recebem acento gráfico. As regras de acentuação são propostas com o objetivo de indicar e marcar a pronúncia mais rara. Assim, como normalmente duas vogais contíguas formam ditongo, quando há hiato haveria acento. Então, escrevemos: saída, Peruíbe, baú, saúde. Mas, e rainha?

A separação de sílaba desta palavra é ra-i-nha. Então, há uma vogal sozinha em

uma sílaba, que deveria ser acentuada. Mas não é. O acento gráfico não ocorre nesta palavra porque a nasalidade da sílaba seguinte desfaz o possível ditongo, inexistindo, na nossa língua, ditongo seguido de consoante nasal. A força na nasalidade separa o ditongo e exige o hiato. Como isso sempre vai acontecer nesse contexto, não há o acento agudo. Quer saber mais? Há dois textos sobre isso: um [aqui](#) e outro, em resposta ao primeiro, [aqui](#).

Há outra mudança na grafia bem interessante explicada pela fonologia. As formas verbais terminadas em “r”, ao se juntarem aos pronomes átonos “o, a, os, as”, perdem o erre final, ganham acento agudo e o pronome ganha um “l”. Assim, cantar + o = cantá-lo. E por quê? Porque /l/ e /r/ são fonemas muito próximos. Ambos são sonoros e alveolares e só há uma única diferença entre eles: /l/ é lateral e /r/ é vibrante. Portanto, ao se juntar o pronome ao verbo, recupera-se a forma arcaica do pronome que faz o /r/ desaparecer, justamente por causa da semelhança que há entre esses dois fonemas. A esse processo dá-se o nome de assimilação.

Mais:

- » sobre [ditongos](#);
- » sobre [ortografia](#).

Uma boa semana de trabalho!

A substância do substantivo

Substantivo é a palavra com que designamos ou nomeamos os seres em geral. Classifica-se como concreto e abstrato, próprio e comum e coletivo. Flexiona-se em número e gênero, que se subdivide em epiceno, sobrecomum e comum de dois gêneros. Na sintaxe, emprega-se como sujeito, predicativo, objeto, complemento, adjunto adnominal, agente da passiva, aposto e vocativo.

Ufa! Ele é tudo isso. Por isso causa tanta preocupação nos falantes de uma língua. Ele é tanta substância que há um texto chamado “Dona de Casa”, de Carine Vergas, escrito só com substantivos:

Sol. Bom-dia, dentes, filhos, uniforme, merenda, café, carro, escola, carro, supermercado, carne, pão, banana, refrigerante, alface, cebola, tomate. Carro, casa, cama, lençol, travesseiro, colcha, roupa, lavanderia, máquina, sabão, sala, almofada, pano, pó, cortina, tapete, feiteira. Banheiro, descarga, balde, água, desinfetante, toalha molhada, lavanderia, arame, prendedor. Cozinha, pia, tábua, faca, panela, fogão, bife, arroz, molho, feijão, salada, mesa, toalha, pratos, talheres, copos, guardanapos, carro, escola, filhos, carro, almoço, mesa, pia, louça, armário, fogão, piso. Televisão, jornal, filhos, tema, lanche, leite, nescau, pão, margarina, banana, louça, pia, armário. Carro, filhos, natação, futebol, mensalidade, espera, revista, filhos, carro, casa. Vizinha, conversa rápida, lavanderia, arame, roupas,

agulha, linha, camisa, calça, ferro de passar. Janta, marido, filhos, sala, televisão, família reunida, dinheiro, discussão, cozinha, mesa, louça, pia, armário. Filhos, sono, escova, creme dental, cama, beijo, durmam com os anjos. Portas chaveadas, janelas fechadas, banho, sabonete, água, toalha, creme no corpo, camisola, renda, escova, cabelo, perfume, dentes limpos, cama, marido, sexo, sono, boa-noite, Lua. (www.pucrs.br/gpt/substantivos.php)

Deu para imaginar a cena?

Destaque para a flexão de gênero, aquela em que o substantivo masculino não é marcado e o feminino o é. Então, menino/menina. E também homem/mulher, bode/cabra. Mas há os substantivos epicenos, em que o gênero gramatical é só um, para marcar um e outro sexo, como a mosca, a cobra. Diz a gramática que “Quando há necessidade de especificar o sexo do animal, juntam-se as palavras macho e fêmea”.

Você já se perguntou o porquê dessas diferenças na marcação morfológica do gênero dos substantivos? Fique sabendo: a língua é um bem cultural de um povo e registra, nas palavras, o que é importante para ela e diferencia com muita clareza a importância das coisas do mundo. Assim, substantivos como menino/menina nomeiam seres que precisam ser discriminados, mas, em muitos contextos, tanto faz. A prova é que existe a palavra “criança”, substantivo sobrecomum. Quando o masculino e o feminino são formados por

radicais diferentes, como homem/mulher, pai/mãe, carneiro/ovelha/cordeiro, galo/galinha/pintinho, isso indica o quanto é importante para os falantes daquela língua essa distinção. Se você tivesse uma granja, seria fundamental saber quem é galo e quem é galinha. Se você tivesse de escolher, você mataria primeiro o carneiro ou a ovelha? Por fim, imagine-se na floresta. Faz alguma diferença saber se é uma onça ou “um onço” que fareja você? É relevante saber se você admira uma borboleta ou “um borboleto”?

Para saber mais, com música: [aqui](#), [aqui](#), [aqui](#) e [aqui](#).

Juntando as peças do quebra-cabeça

Nesta semana, vamos sistematizar a definição de alguns termos, lembrando que, muitas vezes, não é simples agrupar os substantivos sob um termo só.

- » Substantivo concreto: designa os seres propriamente ditos;
- » Substantivo abstrato: designa noções, ações, estados e qualidades;
- » Substantivo próprio: determina um só indivíduo da espécie;
- » Substantivo comum: aplica-se a todos os seres da mesma espécie;
- » Substantivo coletivo: designa um conjunto de seres da mesma espécie e sempre ocorre no singular;
- » Flexão de número: singular – um só ser; plural – mais de um ser;
- » Flexão de gênero: masculino e feminino. O artigo “o” marca o masculino e o artigo feminino “a” marca o feminino;
- » Substantivo epiceno: possui um só gênero gramatical para designar tanto o animal do sexo masculino como o do sexo feminino;
- » Substantivo sobrecomum: tem um só gênero gramatical para designar pessoas de ambos os sexos;
- » Substantivo comum de dois gêneros: tem uma só forma para os dois gêneros, mas o artigo ou outro determinante marca o gênero em cada contexto específico.

Há um tipo de substantivos bem interessante: os substantivos compostos, aqueles em que dois substantivos se ligam sem hífen, como “aguardente”, “ferrovia”, “pontapé”, ou com hífen para designar algo que nada tem a ver com o sentido original de ambas as palavras. Assim, “couve-flor” não lembra nem a couve verdinha nem a flor colorida; um debate ocorrido em uma “mesa-redonda” quase sempre ocorre com as pessoas sentadas a uma mesa retangular; um “ofício-circular” é impresso em papel A4 comum; escreva “bom-dia”, com

hífen, no primeiro e-mail enviado para um colega do CNJ e faça isso sempre de agora em diante! Ou “boa-tarde”, ou “boa-noite”. Quer saber o motivo? Atenção: mesmo que a internet e o Google digam o contrário, vale o que está no dicionário impresso da língua, como o Houaiss, e, principalmente, no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP).

Uma ótima semana!

Coletivos e pleonasmos

Nesta semana, no âmbito da classe de palavras Substantivo, o assunto é coletivo.

Coletivo é um tipo de substantivo comum que, embora empregado no singular, refere-se a mais de um indivíduo. Assim, em um “bando” sempre haverá mais de uma pessoa ou de um animal, assim como “mobília” faz referência ao conjunto de móveis de uma habitação. Então, é bom ter atenção com a concordância verbal quando houver um coletivo como núcleo do sujeito: a concordância é sintática (singular), nunca com a ideia (plural).

Outro cuidado importante quando se trata de coletivo é com o pleonasmo. Pleonasmo é a superabundância de palavras para enunciar uma ideia. Os clássicos exemplos são “subir para cima” ou “entrar para dentro” em que três palavras significam o mesmo que apenas “subir” ou “entrar”.

Assim, “buquê” ou “ramalhete” sempre são de FLORES; “cardume” sempre é formado por PEIXES; “caravana” sempre é de PESOAS QUE VIAJAM; “alcateia” é de LOBOS; e “matilha” é de CÃES.

Por fim, uma das palavras mais faladas escritas da imprensa das últimas semanas: “conclave”. Diz a Gramática Metódica da Língua Portuguesa, na p. 88, que o coletivo de cardeais reunidos para a eleição de um novo papa é um “conclave”. Assim, o trecho “conclave para eleger novo papa”, lido em um portal de notícias hoje, é pleonástico, porque repete ideias.

Aqui você encontra uma lista de substantivos com os respectivos coletivos.

Uma semana rica para você!

A língua do Nhem

Nesta semana, enfocamos alguns detalhes desta classe de palavra tão pequenininha, mas que pode dar um trabalhão.

Uma característica impar dos artigos é a determinação. Muito diferente é alguém dizer que “encontrou uma menina” ou “encontrou a menina”. Também é incrível a capacidade de uma palavra tão exígua transformar no importante substantivo qualquer palavra ou expressão que lhe subsiga: um amanhecer, o sim, o quê. Artigos também marcam o gênero e o número dos substantivos.

Gramáticos citam alguns empregos particulares dos artigos:

- » como demonstrativos: exemplo: “Permaneceu a [=esta] semana em casa.”.
- » pelo pronome possessivo: exemplo: “Passei a mão pelo queixo. [= Passei minha mão pelo meu queixo].
- » antes de pronome possessivo: dizer “encontrei a minha mãe” ou “encontrei minha mãe” é mais variação regional que problema gramatical. Importante é que nunca o artigo é empregado antes de pronome de tratamento ou vocativo, ou, ainda, antes de expressões como “em meu poder”, “por minha vontade”.
- » em expressões de tempo: não há artigo antes do nome dos meses, mas há antes dos dias da semana e das quatro estações do ano.

Há ainda outros detalhes que tornam a nossa língua muito rica e diversificada. São características que realmente precisam ser usadas, para que “A língua do Nhem” não se propague além da vizinha da velhinha...

A Língua do Nhem

Havia uma velhinha
que andava aborrecida
pois dava a sua vida
para falar com alguém.

E estava sempre em casa
a boa velhinha

resmungando sozinha:
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

O gato que dormia
no canto da cozinha
escutando a velhinha,
principiou também

a miar nessa língua
e se ela resmungava,
o gatinho a acompanhava:
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

Depois veio o cachorro
da casa da vizinha,
pato, cabra e galinha
de cá, de lá, de além,

e todos aprenderam
a falar noite e dia
naquela melodia
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...
De modo que a velhinha
que muito padecia
por não ter companhia
nem falar com ninguém,
ficou toda contente,
pois mal a boca abria
tudo lhe respondia:
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

Um ótimo começo de mês!

Artigos

Segundo a gramática de Celso Cunha e Lindley Cintra, artigo são as palavras “o” (com as variações “a, os, as”) e “um” (com as

variações “uma, uns, umas”) que se antepõem aos substantivos para indicar que se trata de um ser já conhecido ao qual já se fez menção anterior ou de um simples representante de uma dada espécie ao qual não se fez menção anterior. No primeiro caso, trata-se de artigo definido e, no segundo, de artigo indefinido.

Esta é uma classe de palavras com número determinado e imutável de elementos: apenas oito, dos quais quatro dão mais trabalho aos usuários da língua portuguesa, porque apresentam exatamente a mesma forma de membros de outras classes de palavra. Assim, “o/a” são artigos e pronomes e apenas o contexto é que determina a classe de palavra a que pertencem. No caso do “a”, também há coincidência com a preposição. Dessa economia linguística grafa “a” advém fenômeno fonológico muito interessante a que fizemos referência semana passada: crase, marcada na fusão da preposição com o artigo pelo acento grave.

Outra característica interessante dos artigos definidos é a propriedade de se combinar com proposições e dar origem a formas gráficas bem diferentes do original. Assim, em + o = no, per + o = pelo.

Preposição “per”? É uma forma antiga, que se perdeu e deixou espaço vago para a conconcorrente preposição “por”.

Dúvidas? Perguntas? Pode falar em dicas-portugueses@cnj.jus.br.

Uma boa semana para você!

Que esta coluna não seja paupérrima

Adjetivo é, essencialmente, um modificador do substantivo, caracterizando os seres e indicando-lhes qualidade, modo de ser, aspecto ou estado; ou também estabelecendo com o substantivo relação de tempo, espaço, matéria, finalidade etc.

Adjetivo pode ser substantivado (se a ele se antepor um artigo) ou funcionar ora como substantivo, ora como adjetivo.

Há adjetivos pátrios como “brasileiro”, “espírito-santense”, “fluminense” e, também, “nipo-brasileiro”, “teuto-brasileiro”, “sino-japonês”.

Adjetivos, como os substantivos, flexionam-se em número e gênero e têm derivação em grau, na qual encontramos, além dos adjetivos que abrem esta coluna, outras palavras ímpares como “sapiéntissimo”, “crudelíssimo”, “nigérrimo” ou “libérrimo”. Por que esses superlativos não se parecem com o adjetivo-base “sábio”, “cruel”, “negro” ou “livre”, respectivamente?

Para terminar, Caetano Veloso e Maria Bethânia catam trecho do poema **Navio Negroiro**, de Castro Alves, em que se ouve “musa libérrima, audaz”, prova de que superlativos, então e agora, fazem parte da nossa língua e podem ser usados. Corretamente, claro.

Uma semana ilustrada!

Gramáticas também erram

Trataremos de um ponto em que uma gramática tradicional repete a tradição e deixa de incorporar avanços advindos dos estudos linguísticos. Erra, portanto.

Está lá, no tópico Flexão dos Adjetivos: “Como os substantivos, os adjetivos podem flexionar-se em número, gênero e grau”. Assim, se o substantivo que o adjetivo acompanha está no masculino plural, o adjetivo também estará no masculino plural: “meninos inteligentes”. A flexão de gênero (masculino e feminino) e a de número (singular e plural) são exigidas pela natureza da frase, e os morfemas que a marcam são regulares e sistemáticos. Além disso, o falante não pode escolher usá-los ou não, se quiser falar a língua portuguesa padrão.

Por outro lado, o adjetivo com grau diferenciado não concorda necessariamente com o substantivo. Então, “meninona lindona” é tão possível quanto “menina lindona” ou “meninona linda”. Assim, no grau, há derivação, caracterizada por morfemas irregulares e assistemáticos, não exigidos pela natureza da frase – mas fruto da liberdade do falante de acrescentar nuanças significativas – e absolutamente opcionais.

Então, da próxima vez em que você concordar com alguém, diga corretamente: “Concordo com você em gênero de número”.

Os adjetivos têm dois graus: comparativo e superlativo. Os mais interessantes são o superlativo em -íssimo e aqueles que recuperam a forma em latim da palavra, como também ocorre em outros contextos, como o “libérrimo” da semana passada.

Destacam-se os adjetivos cujos comparativos e superlativos são, respectivamente, especialíssimos: bom/melhor/ótimo; mau/pior/péssimo; grande/maior/máximo, pequeno/menor/mínimo. Pergunta-se: por que está errado dizer “ela é a candidata melhor preparada”?

Quer saber mais? Estudos de **filologia tradicional** e ou estudos de **gramática gerativa**.

Uma semana superlativa!

Pronomes

Os pronomes são diferentes. Muitos dos pronomes têm a capacidade distintiva dessa classe: são dêiticos, palavras que, em si mesmas, se referem à situação em que o enunciado é produzido, ao momento da enunciação e aos atores do discurso.

O que quer dizer ser dêitico?

Ser dêitico significa que, quando um falante diz “Isso é meu; entregue-o a mim”, praticamente toda a referência significativa da frase é construída no momento da enunciação. Assim:

- » “Isso”: refere-se a algo não determinado, que está próximo à outra pessoa com que a pessoa que disse a frase está falando;
- » “meu”: indica a relação de posse que há entre o objeto não determinado e a pessoa que está falando;
- » “o”: indica que o objeto não determinado que será entregue à pessoa que está falando é o mesmo a que se referiu;
- » “mim”: indica que a pessoa que receberá o objeto não determinado é a mesma que está falando.

Assim, se X estiver falando com Y sobre W, a frase poderia ser reescrita da seguinte forma: W é de X; Y entregue W a X. Essas incógnitas são totalmente relacionadas ao momento da enunciação e aos atores do discurso em um instante T. Se T mudar, X, Y, W também podem se modificar.

Muito bom, não?

Uma semana hercúlea!

Eu, tu, ele, nós, vós, eles

Além de serem dêiticos, os pronomes em geral, e especialmente os pessoais, fazem referência às pessoas do discurso, que são três:

- » A pessoa que fala: “eu” (no singular) e “nós” (no plural);

- » A pessoa com quem se fala: “tu” (no singular) e “vós” (no plural);
- » A pessoa/a coisa de que se fala: “ele/ela” (singular) e “eles/elas” (plural).

Lindo, não?

Na prática diária da língua portuguesa do Brasil, os pronomes pessoais são um pouco diferentes... “Tu” e “vós” só existem com frequência em algumas traduções da Bíblia, e surge um pronome de tratamento – “você” – para ocupar o espaço deixado pelos dois pronomes desaparecidos. Assim, a sequência de pronomes seria: “eu, você, ele/ela, a gente, vocês, eles/elas”. Ainda há a inclusão da locução “a gente” no lugar do pronome “nós”. Essa modificação dos pronomes retos, com a inclusão de outras palavras, tem várias implicações na conjugação verbal, por exemplo... mas essa é outra história. Essa simplificação vale só para a fala e não para ser usada por você na sua dissertação de concurso público, certo?

Importante saber que há três tipos de pronome, sempre relacionados às pessoas do discurso:

- » reto: “eu; tu; ele/ela; nós; vós; eles/elas”. São os que ocupam a função sintática de sujeito na oração; nunca podem ocupar o espaço de complemento do verbo.
- » oblíquo átono: “me; te; o/a, lhe; nos; vos; os/as, lhes”. São os que ocupam (ou deveriam ocupar) a função sintá-

tica de complemento do verbo sem preposição. É aqui que mora o perigo da próclise, da mesóclise e da ênclise, assunto da próxima semana.

- » oblíquo tônico: “mim, comigo; ti, contigo; ele/ela; nós, conosco; vós, convosco; eles/elas”. São pronomes que ocorrem como complemento do verbo precedido de preposição. Vão ocorrer sempre com uma preposição à esquerda, à exceção de “contigo, conosco e convosco”, que já incorporaram a preposição “com” a eles. E os pronomes “eles/elas” daqui, por causa da velha conhecida economia linguística, têm a mesma forma do pronome reto, mas não o são: são pronomes oblíquos se ocorrerem após preposição.

Uma boa semana!

Próclise, mesóclise e ênclise

Os pronomes oblíquos átonos são: “me; te; o/a, lhe; nos; vos; os/as, lhes”. Ser átono, como já sabemos, é não ter tonicidade, ser uma palavra tão fraquinha que corre o risco de desaparecer na enunciação... Por isso, para que permaneça e seja audível, deve apoiar-se em outras palavras tônicas ou átonas. Aqui, a lei da matemática “menos com menos dá mais” também vale.

Assim, os pronomes pessoais oblíquos átonos podem estar em três posições em relação ao verbo – sempre ele e só ele –, já que exercem a função sintática de complemento verbal sem preposição:

- » antes: próclise. Exemplo: Eu me vesti rapidamente. (o pronome pessoal reto “Eu” forma grupo de força com o pronome pessoal oblíquo átono “me”)
- » no meio: mesóclise. Exemplo: O padeiro encontrar-se-á disponível para esclarecimentos. (ocorre tão somente com verbos conjugados no futuro do indicativo, por motivos históricos, não frescura)
- » depois: ênclise. Exemplo: Os homens casaram-se todos antes dos 30 anos.

O lugar favorito do pronome é depois do verbo: a ênclise. O pronome só sai de sua posição natural enclítica se houver um elemento linguístico muito forte que o atraia, o famoso fator de próclise. Então, na dúvida, use a ênclise.

E quais são os principais fatores de próclise?

- » Outros pronomes (“eu, algum, que, quanto” etc.);
- » Partículas negativas (“não, nenhum, nada” etc.); e
- » Conjunções subordinativas (“porque, enquanto, se, embora, a fim de que” etc.)

E com locução verbal? Para verbo + infinitivo ou verbo + gerúndio, use ênclise ao infinitivo. Se for verbo + particípio, use ênclise ao verbo.

Ok. Mas essa é a verdade verdadeira?

É a verdade da gramática normativa tradicional que rege os textos escritos formais em língua portuguesa. Verdade que vale para a comunicação oficial do CNJ, os relatórios e processos internos e externos e, também, textos acadêmicos e de processos seletivos. Fora desses contextos, a história é bem diferente, tanto na fala quanto na escrita, porque, neste nosso país, os pronomes átonos estão ficando tônicos...

Uma semana bem colocada!

O meu é este; o seu é esse; o dele é aquele

Nesta semana, vamos focar duas outras categorias de pronomes: os possessivos e os demonstrativos.

Os pronomes possessivos estabelecem relação de posse entre as pessoas do discurso e um objeto qualquer. Ocorrem com ou sem artigo à esquerda (“o meu/meu”) sem haver nisso valor linguístico, mas apenas regional. Também são relacionados às pessoas do discurso e com elas devem combinar-se tanto em gênero e número da coisa possuída quanto em

número de pessoas representadas no possuidor. São eles:

- » 1ª pessoa do singular: meu(s), minha(s);
- » 2ª pessoa do singular: teu(s), tua(s);
- » 3ª pessoa do singular: seu(s), sua(s);
- » 1ª pessoa do plural: nosso(s), nossa(s);
- » 2ª pessoa do plural: vosso(s), vossa(s);
- » 3ª pessoa do plural: seu(s), sua(s).

Importa destacar aqui mais uma consequência da inclusão do pronome de tratamento “você” no rol dos pronomes pessoais retos: a ambiguidade do “seu”. Veja os exemplos: “Ana comprou a sua camisa”, em que o pronome pode referir-se a “Ana” ou “camisa”. Já em “Você comprou a sua mesa?”, “Você” e “sua” têm o mesmo referente. Para resolver essa ambiguidade, o falante pode lançar mão de “dele(s)/dela(s)”.

Quanto ao valor, segundo Cunha e Cintra, os possessivos podem acentuar um sentimento: a) de deferência, respeito, polidez; b) de intimidade, amizade; c) de ironia, malícia, sarcasmo.

Já os pronomes demonstrativos situam a pessoa ou a coisa designada, tanto no espaço quanto no tempo, em relação às pessoas do discurso. Essa função, bem característica dessa categoria de pronomes, é a velha e boa função dêitica. Além dessa função, os demonstrativos também

têm a função anafórica, muito empregada em textos formais escritos. Por fim, essa categoria traz marca do latim, com os pronomes invariáveis “isto/isso/aquilo”, filhos do gênero neutro latino. São eles:

- » 1ª pessoa: este(s), esta(s): indicam situação próxima no espaço e tempo presente;
- » 2ª pessoa: esse(s), essa(s): indicam situação intermediária ou distante no espaço e passado ou futuro pouco distante no tempo;
- » 3ª pessoa: aquele(s), aquela(s): indicam situação longínqua no espaço e passado vago ou remoto no tempo.

Assim, se eu quiser fazer referência ao teclado em que escrevo, devo dizer “este teclado é bom”; se eu quiser falar do seu teclado – pessoa que me lê – devo dizer “esse seu teclado é bom”.

Quer ouvir um fado com muitos pronomes? Clique [aqui](#). Quer ler um artigo sobre demonstrativos no português arcaico? Clique [aqui](#).

Tome posse desta semana!

Pronome relativo

Pronomes relativos, substituem completamente um termo anterior a que se referem, o chamado antecedente. É absolutamente

fundamental identificar corretamente o antecedente do relativo. Os pronomes relativos são: “o(s) qual(is), a(s) qual(is); cujo(s), cuja(s), quanto(s), quantas; que, quem, onde”.

Os relativos com flexão de gênero e número, embora mais raros e com algumas restrições de uso, marcam o antecedente com clareza. Exemplo: “As pessoas que participaram da festa gostaram dos presentes distribuídos pelos gentis anfitriões os quais acabaram logo.” A regra diz que o antecedente concorda em gênero e número com o pronome: pode ser “os presentes” ou “gentis anfitriões”. Será “os presentes” pela referência criada pelo pronome relativo “os quais” e pela semântica da oração.

Os pronomes relativos invariáveis têm várias restrições e especificações de uso:

- » “quem”: só faz referência e substitui antecedentes humanos, pessoas. Exemplo: “Quem chegou? A menina.” Ou “A pessoa de quem falei está à sua espera.”. Assim, todo “quem” pode ser substituído por “que”, mas nem todo “que” pode ser substituído por “quem”.
- » “onde”: só faz referência a lugar, espaço geográfico. Exemplo: “A cidade onde nasci fica alhures.”. Não é correto dizer “A carta onde está essa informação desapareceu.”. Então, só se pode empregar “onde”

corretamente em referência a lugar em que se pode entrar e de que se possa sair. Nos seus textos, sempre que aparecer o “onde” verifique se a referência dele é lugar. Você pode se surpreender.

O terceiro pronome relativo invariável “que” é daquelas palavras coringas na nossa língua, porque não tem restrição de uso e, na sintaxe, desempenha várias funções. Além disso, ocorre em orações adjetivas, tanto restritivas (sem vírgula) quanto explicativas (com vírgula), qualificando algum substantivo. A ideia de restrição ou de explicação é reconhecida segundo a semântica do texto em si ou até mesmo por informações fora do texto, sendo capaz de mudar significados.

Uma última lembrança: preposições que precedem pronomes relativos podem com eles se fundir, ou não. Assim:

- » “O lugar aonde fui é incrível.”, em que a preposição “a” regida pelo verbo “ir” funde-se com o pronome relativo “onde”.
- » “Esse assunto de que tratei é fundamental.”, em que a preposição “de” regida pelo verbo “tratar” marca que o pronome relativo é objeto indireto desse verbo e o antecedente é “assunto”.

Uma semana excelente!

Pronomes interrogativos e indefinidos

São os pronomes interrogativos e indefinidos, nosso assunto desta semana.

São quatro os pronomes interrogativos: “que, quem, qual, quanto”, sempre presentes apenas na formulação de perguntas diretas ou indiretas, como, por exemplo, “Diga-me que trabalho está fazendo” ou “Qual dos livros preferes?”. Você saberia dizer quais deles são variáveis e quais são invariáveis?

São 51 os pronomes indefinidos e sempre se aplicam à terceira pessoa gramatical, quando considerada de modo vago e indeterminado. E ainda há as locuções pronominais indefinidas, como “cada um, seja quem for”, entre outras. Destaque para algumas características de alguns desses pronomes:

- » “alguém, ninguém, outrem, algo e nada” só ocorrem como pronomes substantivos, ou seja, são núcleo.
- » “certo” só ocorre como pronome adjetivo, ou seja, sempre acompanha um substantivo e não é o núcleo.

Há algumas oposições bastante nítidas entre esses pronomes:

- » “algun / alguém / algo”: apresenta caráter afirmativo.

- » “nenhum / ninguém / nada”: apresenta caráter negativo.
- » “tudo / todo”: apresenta caráter de totalidade inclusiva.
- » “nada / nenhum”: apresenta caráter de totalidade exclusiva.
- » “alguém / ninguém”: o referente é uma pessoa.
- » “algo / nada”: o referente é uma coisa.
- » “certo / qualquer”: apresenta caráter particular e genérico.

Quanto ao valor dos pronomes indefinidos, destaque para:

- » “algum”: anteposto ao substantivo, tem valor positivo: “Vi algumas pessoas”; posposto ao substantivo, tem valor negativo mais forte que “nenhum”: “Não vi pessoa alguma”.
- » “qualquer”: precedido de artigo indefinido, tem sentido pejorativo: “Ele não era um qualquer”. Normalmente, não ocorre em frases negativas. É a única palavra da nossa língua cuja flexão de número está no meio da palavra, não no final: “quaisquer”.
- » “todo”: seguido de artigo definido, indica totalidade: “Todo o país se prepara para a Copa”; sem o artigo, tende a generalizações: “Todo homem é mortal”.

Uma semana bem definida!

Quando o português se junta à matemática

Um pouco de outra área do conhecimento... Se é preciso que a “coisa” exista no mundo antes de ser registrada e significada na língua, muitas pedrinhas tiveram de ser agrupadas até que os árabes resolvessem inventar uma representação exclusiva para as quantidades e que também ajudasse na hora de fazer contas. Essa história da matemática está bem contada em vídeo [aqui](#).

Na gramática da língua portuguesa, a classe de palavras dos numerais aparece separada das outras, mas bem poderia estar junto aos outros nomes, os adjetivos e substantivos, com os quais compartilha a capacidade de ser núcleo de sintagma. Numerais indicam a quantidade exata de pessoas ou coisas ou assinalam o lugar que elas ocupam em uma série. São eles:

- » cardinais: 1, 2, 3, 4 etc.
- » ordinais: 1.º, 2.º, 3.º, 4.º etc.
- » multiplicativos: duplo, triplo, quádruplo etc.
- » fracionários: um terço, metade, um quarto etc.

Quanto aos cardinais, há flexão de gênero em “um/uma” e “dois/duas” e também em “ambos/ambas”. Lembre que “ambos” substitui o “dois” e só pode fazer referência a duas coisas. Na concordância, vale o

número que está à esquerda da vírgula: 1,3 bilhão, 2,9 milhões. Tanto faz usar “catorze” ou “quatorze”.

Todos os ordinais variam em gênero e número. A forma latina “primo” conserva-se, hodiernamente, em palavras como “obra-prima” ou expressões como “números primos”. Os ordinais são usados na designação de papas, soberanos, séculos e partes de obra até o décimo apenas; depois, são os cardinais, como, por exemplo: “Dom Pedro I” (primeiro), “João Paulo II” (segundo), “século III” (terceiro), “Bento XVI” (dezesseis). Em artigos de leis, decretos e portarias, deve-se usar o ordinal até o nono apenas: “art. 1º”, “artigo 9º”, “artigo 10”.

Os numerais multiplicativos são invariáveis quando equivalerem a substantivos ou flexionam-se quando funcionam como adjetivos.

Quanto aos fracionários, importante destacar que “meio” concorda com o seu referente, por exemplo: “três quilos e meio de carne” ou “três léguas e meia”. Portanto, é correto apenas “meio-dia e meia”, com hífen e a elipse de “hora”.

Por fim, lembramos que há algarismos arábicos e romanos para representação de numerais. Você ainda lembra que número é XCIX? Ou ainda MCMLXXXVII? Quer aprender números em outras línguas? Veja [aqui](#).

Uma semana bem contada!

Quando tempo, modo e aspecto se juntam à língua

O estudo da língua portuguesa é interessante, porque sempre há uma novidade que deixa tudo mais surpreendente. A classe de palavras que nos vai acompanhar por quatro semanas – verbos – traz marcas morfológicas e semânticas exclusivas muito, muito motivadoras.

Tradicionalmente, verbos são definidos como palavras que indicam ação. Ok, mas... qual é a ação que há em “ser”? ou em “parar”? Então, definamos verbo não como a gramática tradicional escolar o faz, mas, sim, como uma palavra que exprime algo localizado no tempo e que é, preferencialmente, o núcleo do predicado.

A classe de palavra dos verbos é formada por incontáveis palavras. Não dá para saber quantas há, porque todos os dias novos verbos são criados em língua portuguesa e outros deixam de ser usados, tendendo ao desaparecimento. Se considerarmos a conjugação completa de cada um desses verbos no infinitivo, aí é que perdemos a conta mesmo. Sem dúvida, é a maior classe de palavras e divide com os substantivos o número 1 em importância linguística. Não há mundo significado por uma língua sem substantivo e sem verbo, mas há sem numeral ou pronome.

Verbos classificam-se sob vários critérios:

- » conjugação: 1ª (verbos em -ar), 2ª (verbos em -er) e 3ª (verbos em -ir);
- » paradigma de conjugação: regular, irregular, defectivo e abundante; e
- » função: principal e auxiliar.

Verbos têm voz: ativa, passiva, média e reflexiva.

Verbos têm flexão de número e pessoa – como os pronomes – e de modo, tempo, aspecto e voz – a grande exclusividade dessa classe. O divertido é que cada flexão dessas é marcada por um morfema diferente e o incrível é que, fora da escola, demoramos uns 4 anos desde o nascimento, no máximo, para aprender tudo sobre isso, mas, dentro da escola, a vida inteira se passa... Assim, temos:

- » desinências número-pessoais: Ø, -s, Ø, -mos, -is, -m.
- » desinências temporais (entre outras): -va-, -ra-, -ste-, -sse-, -ia.

Vamos às partes: tomemos um verbo de primeira conjugação e juntemos a ele o máximo de desinências que a língua portuguesa nos permite, na ordem canônica do português padrão:

CANTÁVAMOS, em que:

- » radical (o núcleo do significado): cant-
- » vogal temática (marca a conjugação): -a-

- » desinência modo-temporal do pretérito imperfeito do indicativo (tempo e modo): -va-
- » desinência número-pessoal da 1ª pessoa do plural: -mos

Finalmente, vemos a economia linguística simplificando nossa vida, ao acumular vários elementos significativos relevantes em poucas letrinhas!

Pergunta: os verbos estão sendo afetados pela mudança nos pronomes pessoais retos? Sim e muito, considerando que essas mudanças simplificam o desafiador sistema de conjugação verbal português. Quer se aprofundar nesse assunto? Leia este [artigo científico](#) de primeira.

Quer começar a ver o verbo como elemento textual-discursivo, algo muito interessante? [Esta tese](#) é seminal.

Quer continuar descobrindo coisas incríveis? Quem sabe [aqui](#), na psicanálise, ou ainda [aqui](#), no jornalismo.

Solte o verbo nesta semana!

Conjugar um verbo

A classe de palavras é a mais numerosa da nossa língua. Cada verbo registrado no dicionário tem algo como 85 formas diferentes em sua conjugação completa, com formas simples e compostas! O que é **conjugar** um verbo? É dizê-lo em todos os

modos, tempos, pessoas, números e vozes, seguindo ordem predeterminada.

Há três modos em português: o indicativo (aquele que indica certeza), o subjuntivo (o da dúvida) e o imperativo (o da ordem). Há tanto mais nessa história que mais detalhes ficam para o futuro próximo nesta coluna.

Há três tempos verbais: o presente (o momento em que se fala), o pretérito, ou passado (o momento anterior ao instante em que se fala) e o futuro (o momento posterior ao instante em que se fala). À exceção do presente, os tempos se subdividem no indicativo em:

- » pretérito imperfeito, pretérito perfeito simples e composto e pretérito mais-que-perfeito simples e composto.
- » futuro do presente simples e composto e futuro do pretérito simples e composto.

No subjuntivo, a divisão dos tempos verbais é a seguinte:

- » pretérito imperfeito, pretérito perfeito e pretérito mais-que-perfeito.
- » futuro simples e composto.

Só para lembrar: são três pessoas – primeira, segunda e terceira (como os pronomes) e dois números – singular e plural. E são três conjugações – primeira (-a-), segunda (-e-) e terceira (-i-).

Há também três formas nominais – infinitivo flexionado, gerúndio e particípio –, que têm dupla existência na língua portuguesa e apresentam características de verbos e também de nomes, o que é relevante, por exemplo, na colocação pronominal.

Por fim, há três tempos primitivos (dos quais outros tempos são formados) e dez derivados. Cada tempo de cada modo tem uma desinência específica, segundo a conjugação do verbo, conforme mostrado a seguir.

- » Tempo primitivo: presente do indicativo (sem desinência). Tempos derivados: presente do subjuntivo (-e- e -a-) e imperativo.
- » Tempo primitivo: pretérito perfeito do indicativo (desinência apenas na 3ª pessoa do plural, -m). Tempos derivados: pretérito mais-que-perfeito do indicativo (-ra-), pretérito imperfeito do subjuntivo (-sse-) e futuro do subjuntivo (-r-).
- » Tempo primitivo: infinitivo impessoal. Tempos derivados: pretérito imperfeito do indicativo (desinências -va- ou -ia-), futuro do presente do indicativo (-rá-), futuro do pretérito do indicativo (-ria), infinitivo pessoal, gerúndio (-ndo) e particípio (-do).

Saber se um tempo é primitivo ou derivado ajuda na conjugação dos verbos irregulares e/ou defectivos. Mas ajuda mais ainda ter à disposição um **dicionário eletrônico**

instalado no computador do trabalho, em que, pelo clique de um botão, toda a conjugação apareça. Ou acesso a [sites](#) que façam esse serviço.

Uma semana bem conjugada!

Tempos e modos verbais

É chegada a hora de detalhar os tempos e os modos verbais da nossa língua.

Os tempos são aqueles já indicados com as respectivas subdivisões. Os modos – indicativo, subjuntivo e imperativo – caracterizam-se assim:

- » **Indicativo:** exprime ação ou estado considerados na sua realidade ou na sua certeza, quer em referência ao presente, quer ao passado ou ao futuro. Ocorre nas orações principais.
- » **Subjuntivo:** é usado quando se encara a existência ou a não existência de fato como uma coisa incerta, duvidosa, eventual ou mesmo irreal. Ocorre principalmente nas orações subordinadas.
- » **Imperativo:** exorta nosso interlocutor a cumprir ação indicada pelo verbo, e também conselho ou convite.

Quanto ao uso dos tempos do indicativo, tem-se, em linhas gerais, que:

- » **presente:** indica ação no momento em que se fala;
- » **pretérito perfeito:** indica ação pontual ocorrida no passado, já concluída;
- » **pretérito imperfeito:** indica ação no passado não concluída e que se prolongou;
- » **pretérito mais-que-perfeito:** indica ação no passado anterior a outra ação no passado;
- » **futuro do presente:** indica ação certa posterior ao momento em que se fala;
- » **futuro do pretérito:** indica ação que era futuro de uma ação passada.

Já no subjuntivo, não é possível caracterização como no indicativo. As noções temporais que encerra não são precisas como as expressas pelas formas do indicativo. Assim, um mesmo tempo pode indicar valor de presente, de passado ou de futuro.

A gramática normativa de Cunha e Cintra precisa de 60 páginas para tratar de tempos e modos. A leitura cuidadosa desse material teórico permite que se apreenda a riqueza aspectual da nossa língua portuguesa. Devido à extensão desta coluna, destacam-se:

- » **Uso do mais-que-perfeito:** se você acha estranha a palavra em negrito na oração “Eu **acabara** de limpar a casa quando o cachorro entrou todo sujo.” e acha “Eu **tinha acabado** de limpar a

casa quando o cachorro entrou todo sujo.” absolutamente normal, você é uma prova de que, atualmente, no Brasil, só ocorre a versão composta desse tempo verbal.

- » A polidez do futuro do pretérito: apesar de muitos quererem atentar contra o bom uso do português, ao solicitar algo, faça o certo e diga: “Você poderia me ajudar?” ou “Eu gostaria de um cento de doces.”, mesmo que seu interlocutor venha com gracinhas como “queria? não quer mais?”.
- » Uso do subjuntivo nas orações subordinadas: o correto é “Você quer que eu **faça** isso?” e “Embora eu **tivesse** dinheiro, não comprei o carro.”, por exemplo. As versões erradas desses exemplos são muito frequentes no nosso dia a dia, você não acha?
- » A perda das formas do futuro do presente: como consequência de mudanças pelas quais nossa língua vem passando, as formas-padrão desse tempo vêm sendo perdidas, restando em seu lugar uma perífrase verbal com “ir”: “você **vai** me encontrar?” no lugar de “você me encontrará?”. Aqui não há valor, apenas indício de mudança linguística.

Uma boa semana!

Irregulares, defectivos e abundantes

Nesta semana, o foco volta-se para os verbos irregulares, os verbos defectivos e os verbos abundantes.

Verbos irregulares são aqueles que não seguem o padrão já apresentado nas semanas anteriores. Essa regularidade pode estar tanto na flexão quanto no radical. Para conseguir prever as regularidades, é bom saber aquela história de tempos primitivos e derivados, pelos quais a irregularidade transita. A irregularidade não impede que haja formas perfeitamente regulares. Alguns exemplos de verbos irregulares:

- » da primeira conjugação: dar, passear, anunciar, miar etc.;
- » da segunda conjugação: haver, ser, ter, caber, ler, dizer etc.;
- » da terceira conjugação: ir, ouvir, vir, reduzir etc.

Verbos defectivos, em sua maioria pertencentes à 3ª conjugação, são aqueles que não têm todas as pessoas ou todos os números de certo tempo verbal. Quando falta a primeira pessoa do presente do indicativo, por exemplo, todos os tempos derivados dele não existem. Alguns exemplos: “banir, falir, adequar, precaver-se”.

Verbos abundantes são aqueles que possuem duas ou mais formas equivalentes,

especialmente no particípio, uma forma nominal. Então, há a forma regular, terminada em “-do”, e outra irregular, imprevisível, que normalmente também vai ocorrer como adjetivo. Por exemplo, “entregado e entregue”; “elegido e eleito”; “prendido e preso”; “omitido e omitido”. Ambas as formas coexistem porque têm empregos diferentes: regra geral, as formas regulares ocorrem com os verbos auxiliares “ter” e “haver” e as formas irregulares ocorrem com os auxiliares “ser” e “estar”. Exemplo: “O presidente tinha omitido essa informação”; “As mercadorias foram entregues no prazo”.

Entre as inúmeras vantagens que a tecnologia trouxe à nossa vida diária, está a possibilidade de ter à disposição, na internet, conjugadores de verbos. Se você prefere as fontes tradicionais, a melhor indicação é o livro de autoria de Maria Aparecida Ryan, intitulado *Conjugação dos Verbos em Português*.

Um mês abundante!

Verbos irregulares: quando a surpresa é a regra

Nesta semana, o assunto desta coluna são verbos irregulares, verbos que não seguem paradigmas de conjugação e apresentam

alterações tanto no radical quanto nas desinências.

A depender do contexto, ouvir “seje”, “truxe”, “Se eu pôr” não é tão raro assim... O que todas essas formas verbais têm em comum é a irregularidade, que deve ser aprendida, ao contrário da regularidade, que é inata para os falantes.

Pontualmente, comentários sobre algumas irregularidades:

- 1) Não existe “seje”: o presente do subjuntivo do verbo “ser” é “seja”; exemplo: “Quero que você seja feliz”.
- 2) Não existe “truxe”: o verbo “trazer” apresenta mudança de radical e, no pretérito perfeito do indicativo, conjuga-se “trouxe, trouxemos”. Os tempos derivados deste mantêm a irregularidade: “trouxe, trouxe”. Atenção à grafia com “x”.
- 3) Não existe “quiz”. O verbo “querer” apresenta irregularidades no radical: “quero, queria, quis, quereirei, queira, quisesse, quiser” são exemplos desse verbo conjugado na primeira pessoa do singular. Atenção à grafia sempre com “s”.
- 4) Os verbos “ver” e “vir” misturam-se e confundem-se em vários tempos. No presente, “ele vem, eles vêm”, para o verbo “vir”; “ele vê, eles veem” para o verbo “ver”. No subjuntivo, temos “vier, viermos e vierem”, para “vir”; “vir, viermos e vierem” para “ver”. Assim,

em uma frase com “Se você vier, para o que der e vier”, emprega-se corretamente o verbo “vir”, assim como “Se você a vir, avise-me imediatamente” emprega corretamente o verbo “ver”.

- 5) Quando se tem de empregar o futuro do subjuntivo, a irregularidade salta aos olhos. Então, nada de “Se eu pôr” ou “Quando ele trazer” ou ainda “Se eu fazer”. A forma correta de cada uma dessas orações é: “Se eu puser”, “Quando ele trouxer”, “Se eu fizer”. Atenção: você deve ensinar seu filho essas exceções. Ele nasce sabendo de várias coisas. Mas isso ele vai errar.

Uma semana criativa!

Verbos impessoais e unipessoais

Nesta semana, nosso foco volta-se para os famosos verbos impessoais, presentes nas igualmente famosas orações sem sujeito.

Pensemos no nome que os classifica: impessoais. Assim, seriam verbos que não se flexionam quanto à pessoa. Mas, se são usados apenas na terceira pessoa do singular, eles têm uma pessoa e não são impessoais. Verbos como “chover, amanhecer, ventar, trovejar” pertencem a esse grupo.

Saiamos um pouco da gramática tradicional que apresenta essa nomenclatura. Em outras línguas, como o inglês e o francês, por exemplo, há um pronome neutro que ocorre com esses verbos. Temos, então: “Chove. It rains. Il pleut.” Uma teoria linguística chamada de gerativa diz que verbos de fenômenos da natureza, nas línguas conhecidas, podem ter sujeito expresso e marcado (como em inglês, com “it”, ou em francês, com “il”) ou terem uma marca nula (como o português) para a posição de sujeito – nada é falado, mas o espaço do sujeito está lá: tanto está que o verbo aparece flexionado. Essa explicação provavelmente ajuda você a compreender um paradoxo da aula de português escolar: se o sujeito é termo essencial da oração, como pode haver oração sem sujeito? Resposta: não há. Toda oração tem sujeito, mesmo que ele não seja expresso.

Então, seguindo a classificação tradicional, em orações como “Choveu. Amanhece. Nevaria.”, não há sujeito. (Completando com a gerativa: não há sujeito expresso fonologicamente.)

Além dos verbos de fenômenos da natureza, são impessoais:

- » “haver”, na acepção de “existir”. Exemplo: “Houve aprovados na prova”; e
- » “fazer”, na acepção de tempo decorrido. Exemplo: “Faz cinco minutos que estamos sem internet”.

Os verbos unipessoais são aqueles que designam vozes ou ações de animais e só aparecem na terceira pessoa do singular ou do plural, em virtude de sua significação. Por exemplo: ladrar, rosnar, zurrar. Clique [aqui](#) para ver e ouvir algumas vozes de animais.

Por fim, um detalhe prático sobre o verbo “haver”. Hodiernamente, na língua portuguesa do Brasil, para a maior parte dos usos dos falantes, esse verbo ocorre como impessoal, no sentido de “existir”, portanto no singular: “Há pessoas aqui. Havia motivos para isso. Houve feridos no ataque. Haverá muitos jogadores à espera.”. O outro uso desse verbo, pouco frequente, é como auxiliar, quando apresenta conjugação completa: “Ele havia chegado cedo. Eles houveram trazido o material. Os convidados haverão conquistado prêmios.”. Quer saber mais ainda? Leia sobre o verbo “haver” e a [psicanálise](#).

Uma semana quente!

Infinitivo flexionado e não flexionado

Começamos a focar as formais nominais, mais precisamente o infinitivo. Na próxima semana, trataremos de particípio e gerúndio.

Há dois tipos de infinitivo: o impessoal e o pessoal. O impessoal é aquele que não

marca o sujeito, e o pessoal flexiona-se em pessoa e número, por exemplo: eu cantar, tu cantares, ele cantar, nós cantarmos, vós cantardes, eles cantarem. Quer ouvir alguém cantar com infinitivo sem flexão? Eis a [música](#).

O emprego da forma flexionada é, segundo Cunha e Cintra, “uma das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa”. E “numerosas têm sido as regras propostas pelos gramáticos para orientar com precisão o uso” dessa forma verbal. Sendo assim, são apresentados a seguir os usos da forma flexionada em que aparentemente há consenso desde que ocorram fora da locução verbal:

- » quando o infinitivo tem sujeito claramente expresso, especialmente se marcado por pronomes; por exemplo: “É curioso tu não perceberes este fato.”;
- » quando o infinitivo se refere a um agente não expresso que se quer dar a conhecer pela desinência verbal, por exemplo: “Acho melhor não fazermos isso.”;
- » quando o infinitivo indica indeterminação do sujeito na terceira pessoa do plural; por exemplo: “Ouvi dizerem que o neném já nasceu.”.

Nas locuções verbais, o normal/mais frequente é o infinitivo ocorrer sem flexão, como nos exemplos a seguir: “Explicou como teriam de assar a carne.”; “O medo fez-lhes crer que não sobreviveriam.”.

Bem resumidamente, é possível raciocinar assim: o infinitivo está em uma locução verbal? Se está sim, ocorre sem flexão. Se não está, pode se flexionar caso haja necessidade de pôr em evidência o agente da ação, como Said Ali já nos ensina.

Se você quiser expandir sua mente, comece pela “Gramática Metódica da Língua Portuguesa”, de Napoleão Mendes de Almeida. E continue por um estudo sobre as **origens** do infinitivo flexionado, podendo, até, **retroceder** ao período renascentista.

Uma semana flexionada!

Gerúndio e particípio

Serão nosso foco nesta semana as formas nominais particípio e gerúndio.

A primeira característica a ser abordada é o nome: como um verbo pode ser nome (= forma de nome)? Simples: “nome” é a categoria gramatical que, nas gramáticas mais antigas, englobava substantivos e adjetivos. Assim, dizer que o particípio e também o gerúndio e o infinitivo são formas nominais equivale a dizer que os três têm dois comportamentos morfossintáticos: ora são verbos, ora são nomes. No grupo dos verbos, apenas essas três apresentam essa “vida dupla”, que não é novidade na nossa língua.

Particípios que terminam em -ado derivam-se de verbos da 1ª conjugação, e aqueles terminados em -ido advêm de verbos da 2ª e da 3ª conjugação, como “cantado, bebido, partido”, respectivamente. Há verbos que são abundantes e aqueles que apresentam apenas a forma irregular, como “dito, escrito, feito, visto”. Quando uma criança pequena que está aprendendo a falar diz “mamãe, eu tinha fazido bagunça”, ao contrário do que muitos pensam, ela não é burra. A criança demonstra, bem cedo, que já aprendeu como é o processo de formação dos particípios. Está com a regra geral 100% dominada. O que não sabe ainda – e cabe aos pais corrigirem – é que, neste caso específico, vale uma regra exclusiva que obriga a ela dizer: “mamãe, eu tinha feito bagunça”. Se você quiser se aprofundar, uma ponta do iceberg está **aqui**.

Particípios flexionam-se em gênero e número e concordam com o termo a que se referem – “A menina está cansada”; “As pessoas alocadas aqui ficaram contentes”; “Embarçado, Paulo pediu para sair” – quando são adjetivos. Quando são verbos, permanecem invariáveis: “Os meninos tinham participado do sorteio”.

Uma pitada histórica: havia, no latim, três particípios: presente, passado e futuro (ativo e passivo). Do particípio presente latino, originam-se as nossas palavras terminadas em “-ante/ente”, como, por exemplo, “estudante, presidente, falante”,

em que esse sufixo indica aquele que faz a ação expressa pelo verbo. O nosso atual participípio é derivado do participípio passado latino. E o participípio futuro passivo latino deixa sua marca na língua portuguesa atual em palavras como “doutorando, mestrando”, cuja ideia original era de obrigatoriedade e de dever ser, algo que está em processo.

Um verbo conjugado no gerúndio sempre termina em -ndo e nunca se flexiona. Normalmente, indica uma ação em curso no momento em que se fala: “Maria está correndo”, por exemplo. Seu uso indiscriminado para indicar processo gerou fenômeno linguístico muito forte há uma década, conhecido como gerundismo, presente em construções como “Vou estar enviando o documento” ou “Senhora, vou estar transferindo sua ligação”. Felizmente, as forças de conservação da língua portuguesa e o repúdio dos falantes a essas construções esdrúxulas conseguiram conter o avanço delas na nossa língua. Sobre o uso correto do gerúndio nos textos da vida profissional, leia **aqui** ou **aqui**.

Nas locuções verbais, o gerúndio pode combinar-se com os auxiliares:

- » estar; exemplo: “Eles estavam dormindo na casa”;
- » andar; exemplo: “Andei buscando esses dias com intensidade”;

- » ir; exemplo: “O sol vai raiando nesta manhã”;
- » vir; exemplo: “A noite vem chegando de mansinho”.

Uma semana crescente!

Advérbio

“Minha mãe sempre diz: Não há dor que dure para sempre! Tudo é vário. Temporário. Efêmero. Nunca somos, sempre estamos. Por que alguns sentimentos (diga-se de passagem os mais ridículos) demoram tanto a passar? Por que olhar pra ele reaviva esperanças perdidas e suscita lágrimas quentes até então contidas? Por que o cérebro ainda não inculcou no coração que esquecer faz bem à saúde? Por que tudo não pode ser como um bonito filme francês?” Chico Buarque

Como nada dura para sempre, acabou-se o tema verbos. Começamos, nesta semana, a tratar de advérbios, uma classe de palavras especial, em que muito se abriga. Advérbios são, fundamentalmente, modificadores do verbo. Mas não só do verbo: modificam muito mais, de adjetivos a um texto inteiro. Pode ser dêiticos também, como os pronomes. Fazem a diferença entre o sim e o não, o perto e o longe, a certeza e a dúvida. Quanto à colocação na frase, podem ocupar vários lugares. Como diz o dicionário Houaiss, “advérbios são uma classe de palavras de difícil definição pela variedade de comportamentos sintáticos, peculiaridades semânticas,

divergências de funções e classificações duvidosas que abrange”.

Para tentar pôr ordem nessa diversidade, a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) diz que há as seguintes espécies de advérbios: afirmação, dúvida, intensidade, lugar, modo, negação e tempo. E o que é a NGB para fazer essa classificação? Clique [aqui](#) e descubra.

Quando em uma frase ocorrem em sequência dois ou mais advérbios de modo terminados em “-mente”, junta-se o sufixo apenas ao último deles: “Eu saí rápida e velozmente com minha moto”.

Há os advérbios “bem” e “mal” que podem modificar os adjetivos “mau” e “bom”: “João é um homem bem bom”. Os superlativos são “melhor” (para “bem”) e “pior” (para “bom”). Por que se deve dizer “Ela é a candidata mais bem preparada?” Porque “preparada” é verbo, forma nominal, e só pode ser modificado por advérbio em sua forma pura no superlativo: “mais bem”.

Como a forma de a gramática normativa ver os advérbios é cheia de lacunas, muitos estudos linguísticos modernos ou antigos são feitos nesse sentido. [Aqui](#) há um tradicional (p. 191 e seguintes) ou ainda [aqui](#) (p. 335 e seguintes). Há uma gramática inteira à sua disposição [aqui](#). Quer um estudo moderno? Disponível [aqui](#) (p. 83 e seguintes). Quer estudo da gramática gerativa? [Aqui](#), lá pela página 123.

E se quiser um bonito filme francês, tem-se [O Fabuloso Destino](#) de [Amélie Poulain](#).

Uma semana modificada!

Advérbio

Nesta semana, o objetivo é mostrar o quanto os advérbios são múltiplos, o quanto significam muito além do que a gramática tradicional indica.

Estudos indicam que advérbios como “realmente” são mais frequentes em falas vazias de informação, para, por exemplo, conferir mais autoridade ao que está sendo dito. Há advérbios que, em um diálogo, servem para que um interlocutor concorde com tudo o que o outro acabou de dizer, como “exatamente”. Há advérbios e locuções adverbiais que são conectivos de grandes partes do texto, como “primeiramente”, “em segundo lugar” e “agora”. Mais detalhes sobre isso na [Nova Gramática](#) do Português Brasileiro, de Ataliba Castilho.

Advérbios também mudam de sentido, a depender do contexto, como no poema Profundamente, de Manuel Bandeira, em que a mesma sequência de palavras, incluindo o invariável advérbio de modo “profundamente”, apresenta significados diferentes nas duas ocorrências no texto: “– Estavam todos dormindo / Estavam todos deitados / Dormindo / Profundamente”. Quer deliciar-se com a versão integral? Clique [aqui](#).

Advérbios também marcam a passagem do tempo como na música João e Maria, de Chico Buarque, em que “Agora” marca momentos distintos da história narrada na música: “Agora eu era herói”, “Agora eu era o rei”, “[...] agora eu era o seu brinquedo”, “Agora era fatal”. Você pode ouvir Chico e Nara cantarem e ver uma ilustração [aqui](#).

Quanto a estudos acadêmicos sobre advérbios, há **um** sobre os advérbios terminados em -mente, **outro** sobre “aí, assim, então”, o **terceiro** sobre “assim, tipo e tipo assim”. E, se você quiser estudar a expressão da opinião por meio de advérbios, clique [aqui](#).

Por fim, a gramática normativa ensina que há as locuções adverbiais, conjunto de duas ou mais palavras que funciona como advérbio, formado por preposição e substantivo ou adjetivo ou advérbio. E a gramática também diz que há adjetivos que, ao permanecerem invariáveis, tornam-se advérbios, como em “Ela falou claro na hora da sua defesa”, em que “claro” equivale a “claramente”.

Uma semana ricamente vivida!

Preposição essencial e acidental

Vamos analisar nova classe de palavras: preposição. Preposição é uma palavra interessante... sempre invariável, pode ser essencial ou acidental, pode ter valor

semântico ou não, pode ser única ou ocorrer em uma locução. Preposições ligam palavras, tanto para estabelecer relações de regência e completar o sentido de uma palavra quanto só para marcar a transitividade do verbo.

Preposições se contraem, como “dentre”, por exemplo, a soma de “de” e “entre”. Para que ocorra corretamente, é necessário que algo “peça” a preposição “de”: “Saí da moita -> Saí de entre as folhas -> Saí dentre as folhas”. Em 99% das ocorrências contemporâneas, você vai usar só “entre”.

Preposições desaparecem na sua forma pura, como “per”, e permanecem na sua forma contraída como artigo, como “pelo” e “pela”. Ou você achava que isso era uma dificuldade da nossa língua? E a preposição “por”? Existe só em sua forma pura, já que suas formas contraídas desapareceram com o tempo. Como se sabe disso? Lembra que “pólo” tinha acento? Esse acento diferencial existia justamente para marcar qual palavra era preposição (polo) e qual era substantivo (pólo). Mas, nossa nova grafia acabou com essa distinção, certo?

As preposições simples e essenciais são aqueles que sabemos de cor: “a, ante, até, após; com, contra; de, desde; em, entre; para, perante, por; sem, sob, sobre; trás”.

As preposições acidentais são palavras que, apesar de pertencerem a outras classes de palavra, podem funcionar

como preposições. Alguns exemplos são: “durante, exceto, menos, segundo, senão, tirante”. Tirante? “Tirante: exceto, salvo. Ex. era tal qual o pai, tirante a cor dos olhos”.

Antes de terminar, vale dizer que, entre as locuções prepositivas (normalmente terminadas em “de”), “face a” é considerada galicismo e, por isso mesmo, deve ser substituída por “em face de”. Também cabe dizer que “ao invés de” significa “ao contrário de” e “em vez de” significa “no lugar de”. Portanto, o uso de uma é distinto do uso da outra. Atenção ao uso correto.

Uma semana essencial!

Preposição

Nesta semana, o foco é no valor da preposição, que ora está presente, ora se faz ausente.

De um lado, o verbo “gostar”, por exemplo, em língua portuguesa, sempre ocorre com a preposição “de”; assim como o verbo “simpatizar” sempre se junta a “com”. Essas preposições são apenas relacionais, ausentes que são de conteúdo significativo contemporâneo. São preposições que marcam a transitividade do verbo a que se referem e introduzem termo cuja função sintática é essencial à frase.

Por outro lado, observe a seguinte sequência de orações: Falei de você, falei com

você, falei sobre você, falei por você, falei para você, falei após você, falei contra você, falei perante você. Cada uma delas, em que a única diferença sintática é a preposição empregada, tem um sentido diferente. E de onde vem essa diferença? Essa diferença vem do valor da preposição que ocorre na frase. Percebeu a diferença e as nuances semânticas?

Cunha e Cintra apresentam alguns valores das preposições:

- » “a”: indica direção a um limite, coincidência, concomitância.
- » “ante”: anterioridade relativa a um limite.
- » “desde”: afastamento de um limite com insistência no ponto de partida.
- » “sobre”: posição de superioridade em relação a um limite (figurado ou concreto), com contexto de aproximação ou alguma distância.

E por aí vai. Consulte a gramática de Cunha e Cintra e veja mais detalhes. Ou ainda [neste artigo](#).

Você também pode descobrir como o variacionismo analisa algumas preposições [aqui](#). Ou estudar como as palavras tornaram-se preposição e como as preposições estão se gramaticalizando [aqui](#), sob o ponto de vista do funcionalismo.

Uma palavra final sobre a preposição nestes dois verbos: “dis-cordar de” e “con-cordar com”. Você percebeu que em ambos há

palavras semelhantes? “Dis” e “de”, “con” e “com”. Em latim, a preposição ocorria antes do verbo, algo como “dis cordar”. Com o tempo, passou-se a escrever tudo junto: discordar. E surgiu a necessidade de replicar a preposição: “discordar de”. Sabe esse “cordar”? É o mesmo que deu origem à palavra “coração”. Assim, “discordar de” alguém é estar com o coração afastado do coração do outro, e “concordar com” é estar com o coração juntinho ao do outro.

Uma semana agradável!

Preposição: palavras que ligam

Preposição é uma palavra invariável (não se flexiona nem em gênero, nem em número), sem referente no mundo extralinguístico (não há nada concreto que represente a ideia), que estabelece uma relação entre dois termos de uma oração.

As locuções prepositivas são formadas por mais de uma palavra e ocorrem com várias funções sintáticas. São elas, por exemplo: “em face de”, “dentro de”, “perto de”, “junto a”, “em vez de”, “graças a”, “depois de”, “atrás de”, “em torno de”, e por aí vai.

Importante atentar que, às locuções prepositivas terminadas em “a”, pode caber acento grave, como em “graças à menina, fui salva” ou “junto à cabeceira, estavam

as chaves”. Atenção quando vier palavra masculina: não haverá crase.

Atenção também à grafia: “a fim de”, “acerca de”, “embaixo de”, “em cima de”, são alguns exemplos que podem causar dúvida de grafia.

Algumas locuções são com frequência usadas de forma inadequada, como “ao mesmo tempo que”, “apesar que”, “de modo a”, “a longo prazo”, “em vias de”, “de vez que”. A forma correta, respectivamente, é “ao mesmo tempo em que”, “apesar de que”, “de modo que”, em longo prazo, “em via de”, “uma vez que”.

Uma semana firme e forte!

Conjunções: palavras que ligam orações

“Muitas coisas não ousamos empreender por parecerem difíceis; entretanto, são difíceis porque não ousamos empreende-las”. (Sêneca)

Nesta semana, listaremos as conjunções.

Conjunções são palavras invariáveis que ligam orações. Assim, ocorrem em trechos de texto que começam com letra maiúscula, terminam com ponto-final em que há mais de um verbo conjugado (um verbo que não esteja em alguma das três formas nominais). Conjunções sempre ligam uma oração à outra, ora com função sintática definida – as chamadas conjunções subor-

dinativas –, ora apenas estabelecendo relação semântica – as chamadas conjunções coordenativas.

As conjunções coordenativas são de cinco tipos: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas. As mais frequentes são, respectivamente, “e, mas, ou, logo, porque”.

As conjunções subordinativas são de oito tipos: causais, concessivas, condicionais, finais, temporais, comparativas, concessivas e integrantes. Lá vai um exemplo de cada tipo, na ordem respectiva: “porque, embora, se, para que, quando, do que, de forma que, que”. Entre elas, as conjunções integrantes (“que, se”) introduzem orações com função substantiva; os outros tipos todos introduzem oração com função adverbial.

Quando as crianças aprendem a escrever, o texto que produzem é deserto de conjunções. Apenas com o passar do tempo e com o aumento da complexidade dos textos que elas leem e escrevem é que as conjunções aparecem. Desde então, e por muito tempo, descobrir usos das conjunções, especialmente das conjunções subordinativas, se torna frequente.

Pergunta: se as conjunções ligam orações e as preposições ligam palavras, a forma correta é “Eu tenho de fazer isso” ou “Eu tenho que fazer isso”?

Uma semana coordenada!

Uso de conjunções

Nesta semana, continuamos nosso caminho pelo mundo das conjunções.

Antes de descrever alguns usos de algumas conjunções, é necessário, sob demanda desde a semana passada, explicar o uso de “ter de fazer”. Embora a frequência de uso de “ter que” seja de 60%, segundo pesquisas da área linguística, isso não justifica nem abona o uso dessa locução no lugar de “ter de”. A forma modalizadora de necessidade ou obrigação deve ser usada sempre: “Eu tenho de escrever”, “O ministro terá de estar naquela reunião”, “Os servidores têm de responder ao Censo”. Respondendo à pergunta da coluna da semana passada, a forma correta é “Eu tenho de fazer isso”.

Quanto ao uso de algumas conjunções:

- » “enquanto”: essa conjunção pode dar ideia de tempo ou proporção ou conformidade. Sendo conjunção – e, por isso mesmo, devendo ligar duas orações –, seu uso em orações como “O professor enquanto responsável pelos alunos está atento a eles” é inadequado, porque essa conjunção não pode ser usada nesse contexto de uma única oração. A forma correta envolve a troca de “enquanto” por “como”: “O professor como responsável...”. A segunda ressalva importante é que não é correto escrever “enquanto que”. Inexiste justificativa para a presença deste “que”.

- » “posto que”: é uma conjunção concessiva, da família de “embora”, e indica uma circunstância existente, mas que não foi suficiente para fazer algo acontecer. Apesar de muitas pessoas usarem-na como da família de “porque”, ou seja, explicativa, esse uso é inadequado. Exemplo: “Cheguei rápido, posto que o trânsito estivesse carregado”.
- » “à medida que” e “na medida em que”: há muita confusão no uso dessas locuções, tendo-se formado até versões híbridas erradas: “à medida em que” ou “na medida que”. A locução conjuntiva proporcional é “à medida que”, usada como neste exemplo: “À medida que fui crescendo, desconfeiei que o país que ela amava não existia”. A locução “na medida em que” não aparece na lista das conjunções e tem, como um de seus significados, “ter em vista que”.

Quer mais? Estudos acadêmicos [aqui](#) e [aqui](#).

Uma semana espetacular!

Conjunções: valores e usos

Nesta semana, encerramos a conversa sobre conjunções coordenativas e subordinativas com o foco voltado para o valor e o

uso dessa classe de palavras que contribui decisivamente com a tessitura do texto.

As considerações sobre as conjunções são as que se seguem:

- » “e”: em 90% das ocorrências atuais, mais ou menos, essa conjunção liga duas orações com o mesmo sujeito e, por isso, ocorre sem vírgula antes: “As pessoas listadas na relação ficam à direita e esperam atendimento”.
- » “porém, no entanto”: são conjunções que podem ocupar dois lugares distintos na oração em que ocorrem: ou antes ou depois do sujeito:
 - a) Maria estava cansada, no entanto eu não.
 - b) Maria estava cansada; eu, no entanto, não.

A depender de onde você escolher colocar a conjunção, haverá vírgula ou não: ou nenhuma ou duas vírgulas, marcando a intercalação da conjunção, com mudança também na pontuação entre as duas orações. Observe os exemplos a) e b) acima.

- » “por isso, pois”: ambas não devem ocorrer após ponto-final, mas sempre após vírgula, no mesmo período da correspondente oração principal: “O tempo estava bom, por isso decidimos fazer a festa aqui fora”.
- » “se”: ocorre com o verbo no subjuntivo, no pretérito imperfeito ou no futuro; é fator de próclise e pode ocorrer ime-

diatamente antes do pronome pessoal homófono: “Se se sentar, ficará mais confortável”.

- » “embora”: usada, de regra, com verbo sempre no subjuntivo, apesar de usos não ortodoxos frequentes: “Embora tivesse dinheiro, preferiu comprar o carro usado ao carro zero quilômetro”.
- » “por causa que”: expressão inadequada aos registros formais da língua portuguesa, oriunda de “por causa de que”.

Uma semana bem conjuntiva!

Palavras iguais, significados diferentes: homonímia, paronímia e polissemia

No universo dos estudos da linguagem, existe uma parte que se preocupa com as palavras e seu significado: a lexicologia. E, ao se estudarem as palavras, é possível descrever semelhanças de forma e divergências de significado e divergências de forma e semelhança no significado e também múltiplos significados dependentes do contexto. Esse é o assunto desta semana curtíssima.

Há palavras que são homônimas, ou seja, são pronunciadas da mesma forma, as

quais podem ser escritas igual ou diferentemente, sempre com significados distintos. Assim, cessão/sessão, concerto/concerto, bucho/buxo, chá/xá, do lado das homônimas homófonas, e boa, gravar, real e mente, por exemplo, do lado das homônimas homógrafas, mas com significados diferentes. Exemplificando:

- » O fato **real** (verdadeiro) foi verificado. / A carruagem **real** (do rei) foi reformada.
- » Temos de cuidar da **mente** (pensamento). / Meu irmão **mente** (do verbo mentir) para mim.

Vamos a outros exemplos, só com as palavras:

- » acender (pôr fogo) / ascender (elevar)
- » acento (sinal gráfico) / assento (lugar)
- » caçar (perseguir) / cassar (anular)
- » censo (pesquisa) / senso (juízo)
- » tacha (prego) / taxa (imposto)

Também há palavras em que diferentes significados são motivados por vogais abertas ou fechadas, como:

- » O **começo** dos trabalhos será amanhã. / Eu **começo** o dia cedo.
- » É preciso esperar para **colher**. / Utilize uma **colher** para mexer o suco.

Então, é preciso estar atento ao significado das palavras e à respectiva forma

adequada. Em caso de dúvida, consulte o dicionário.

E quanto à polissemia, ou seja, aos múltiplos significados das palavras? Veja os exemplos a seguir e, sempre que possível, use a palavra mais precisa e, não, a genérica:

- » A enfermeira **tomou** (segurar) a criança pela mão.
- » Os ingleses **tomaram** (conquistar) as Malvinas.
- » Só **tomo** (beber) vinho francês.
- » A casa do ministro **toma** (ocupar) um quarteirão.
- » Agora Lucas **tomou** (assumir) ares de rico.

Quer saber mais? [Aqui](#) e [aqui](#) há detalhes.

Boa semana!

